



Seguir os sapos: encontros entre artes e ciências diante dos tempos de catástrofes

To follow the frogs: arts, sciences and catastrophes

Natália Aranha

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

ORCID: 0000-0003-2869-8829

Susana Oliveira Dias

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

ORCID: 0000-0001-5814-7847

Resumo

Aprendemos com os sapos que diante dos tempos de catástrofes é necessário sair da denúncia dos impactos das atividades humanas capitalizadas, precisamos de práticas sensíveis que valorizem a interação multiespécie. Combinando mesas de trabalho e residência artística e mostra coletiva buscamos nos afetar pelos modos de existir dos sapos, tornando-os "espécies companheiras" de pesquisa-criação. Apresentaremos e analisaremos essas experiências destacando como elas nos fazem pensar nas potências dos encontros entre artes e ciências para nos reconectarmos a uma Terra viva.

Palavras-chaves

Artes e ciências. Espécies companheiras. Mesas de trabalho. Residência artística.

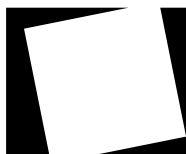
Abstract

We learned from frogs that, in times of catastrophe, it is essential to move beyond merely denouncing the impacts of human activities driven by capitalism. We must adopt sensitive practices that embrace and value multispecies interactions. By integrating workspaces, artistic residencies, and collective exhibitions, we aim to mirror the frogs' diverse ways of existing, positioning them as 'companion species' in research-creation. We present and analyze these experiences, emphasizing how they inspire us to reflect on the potential of art-science encounters to reconnect us with a living Earth.

Keywords

Arts and sciences. Companion species. Artistic residency. Worksurfaces.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

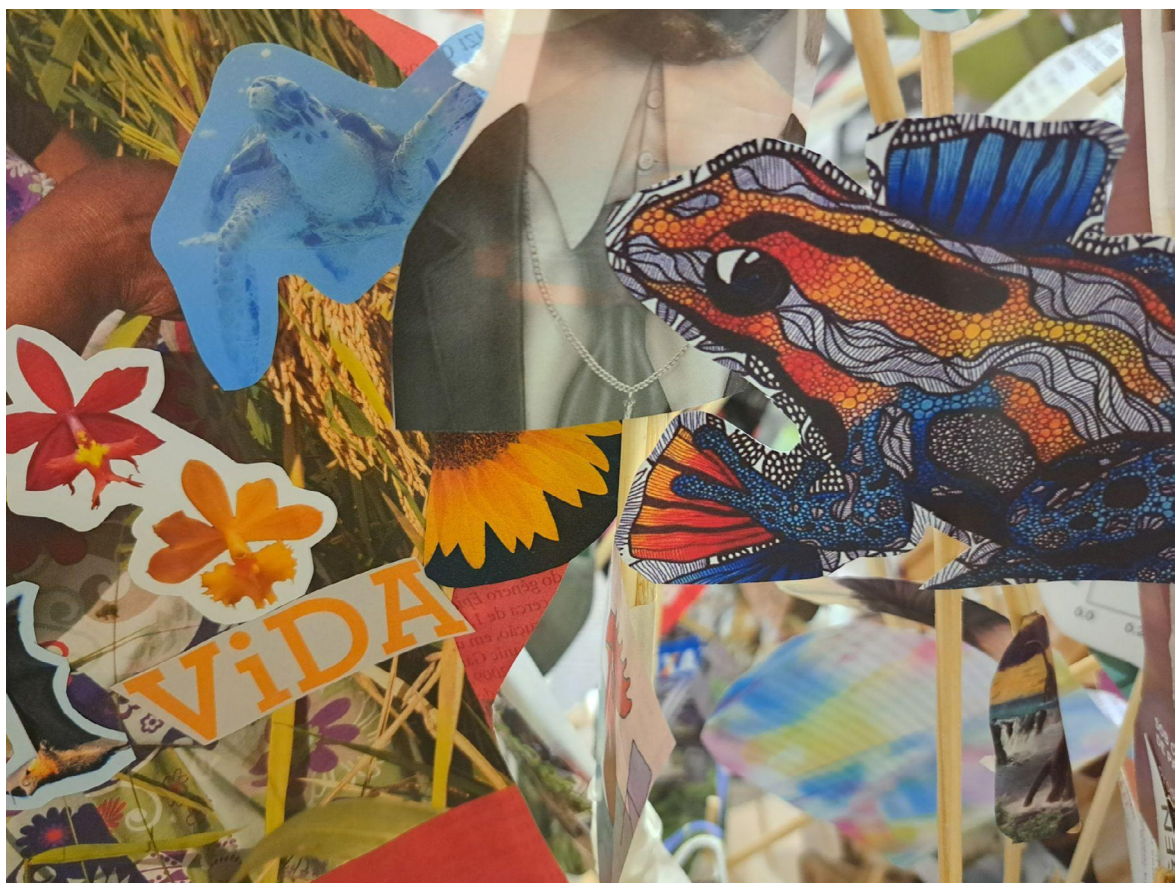


FIG. 01:
Fotografia da instalação
artística Simbiontes
(2024), uma pequena
floresta de papel

Considerar as mudanças ambientais e climáticas globais se tornou fundamental para a existência de habitabilidades em nossos tempos. Da mesma forma que a espécie humana é afetada, de maneira direta ou indireta, as espécies mais que humanas e suas linhas de atividades ecológicas, também são afetadas de diferentes formas (Tsing, 2019). Embora essas mudanças aceleradas tenham o potencial de impactar a composição da biodiversidade e a complexa interação que abriga, algumas espécies são mais suscetíveis do que outras.

A filósofa Juliana Fausto (2014), no artigo “Os desaparecidos do Antropoceno”, traz reflexões para pensarmos os problemas epistemológicos e pragmáticos diante do tempo de catástrofes que vivemos. Para a filósofa o Antropoceno é mais do que um nome possível para uma época geológica, é um “sistema de governo” que gera um massacre de mundos humanos e não humanos. A cada dia, inúmeras espécies são afetadas, direta ou indiretamente, pela precarização de seus habitats. E, por outro lado, a extinção de espécies afeta diretamente a existência desses habitats. A

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

extinção de uma espécie está relacionada ao desaparecimento de mundos, pois a cada espécie corresponde uma perspectiva, um modo de existir, um mundo (Fausto, 2014). Diante do Antropoceno, diversos mundos estão desaparecendo. Estamos colocando em prática um habitar escravagista, que segundo o engenheiro ambiental e filósofo Malcom Ferdinand (2022), impõe uma “colonização em cursos das florestas da Terra e a escravidão de suas comunidades humanas/não humanas”

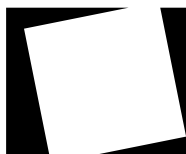
Se teremos um “tempo de catástrofes” (Stengers, 2015) pela frente, é preciso refletir sobre como acontecerão nossos encontros com as catástrofes, como nos permitiremos sentir e caracterizar a barbárie presente e porvir. Autores que já estudam a catástrofe destacam como o contato exacerbado com ela pode nos tornar insensíveis. Susan Sontag já advertia: o “Choque pode se tornar familiar. O choque pode passar” (2003).

As palavras, imagens e sons fazem parte dos tempos de catástrofes que vivemos, o que exige transformações nos modos de pensar, sentir e narrar atuais e o surgimento de novos modos de tratamento e divulgação dos temas ambientais, novos estilos de narrativas, novos formatos e velocidades de distribuição (Dias & Rodrigues, 2014, 2015). É preciso renovar as estruturas perceptivas e sensibilidades estéticas, porque “Nosso clima atual exige um tipo diferente de atenção estética e sensorial” (Davis & Turpin, 2015), reivindicando modos de contar histórias emaranhadas que sejam capazes de levar a sério os encontros com os mais que humanos em termos de “alteridade significativas” (Haraway, 2020; Dias, 2020).

Carecemos de abordagens não massificadas capazes de estabelecer múltiplas relações transversais e interconectadas entre diferentes modos de conhecer, entre artes e ciências, entre humanos e mais que humanos, que escapem às perspectivas normativas e salvacionistas e aumentem nossa confiança no futuro e nossa capacidade de agir (Dias, Rodrigues, 2014, 2015). Trata-se de assumir que à catástrofe diz respeito, também, a uma catástrofe de sentidos, representações e significados (Haraway, 2020, 2021; Nancy, 2015), exigindo a sensibilidade de ativar em nós meios hábeis de interrogar as lógicas capitalistas que enfeitiçam corpos, ideias e narrativas (Stengers, 2015).

Tratar da questão da percepção nestes tempos é fundamental porque o Antropoceno é, sobretudo, “um fenômeno sensorial: a experiência de viver em um mundo cada vez mais diminuído e tóxico” (Davis & Turpin, 2015). O Antropoceno altera nossa percepção e o modo como estamos moldando os mundos e as relações à nossa volta. “O Antropoceno está tão embutido

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

em nossos sentidos que determina nossas percepções, portanto é estético” (Davis & Turpin, 2015). Esterilizando e empobrecendo, inclusive, nossa habilidade de nos relacionarmos com as coisas do mundo, conteúdos, espaços, autores, livros, imagens, escritas, pesquisas. Tais alterações não se limitam aos humanos, mas afetam também as espécies com as quais nos relacionamos, nossas “espécies companheiras”, como define Haraway (2021), desde gatos, cães, frangos, vacas, feijões, canas-de-açúcar, pés de algodão, bactérias, vírus, até rios, montanhas, sapos... Embora a comissão estratigráfica internacional não tenha aprovado o nome Antropoceno para nomear nossa era, em substituição ao Holoceno, ele continua sendo um conceito interessante para pensar e, ao mesmo tempo, problemático por propor, mais uma vez, uma centralidade humana. Aqui não entraremos nos debates em torno desse termo (Haraway, 2021) e preferimos pensar em termos de um “tempo de catástrofes” (Stengers, 2015), que exige de nós movimento de abertura para as miríades de cocomposições ricas necessárias para enfrentarmos a bárbarie que está porvir.

O cururu, o sapo-martelo, a rãzinha-assobiadora, a perereca-de-folhagem, a perereca-de-colete, a rãzinha-de-folhiço, o sapinho-pingo-de-ouro... Buscaremos experimentar com os sapos processos de cocriação e coevolução. Esta pesquisa diz respeito a um caso de amor aos sapos e busca experimentar o amor como parte do movimento metodológico criativo (Tsing, 2019). Consideramos urgente nos aliarmos aos sapos porque estes seres magníficos estão entre os vertebrados terrestres mais ameaçados de extinção no planeta Terra (Green et al., 2020). Inúmeras atividades antropogênicas capitalizadas oferecem risco aos sapos e podem ocasionar ondas de extinção, desde desmatamentos, expansão das monoculturas, poluição de rios e brejos, garimpos e mineração, entre outras atividades (Wake & Vredenburg, 2008).

O extermínio dos sapos compromete a habitabilidade da Terra, ocasiona desequilíbrios irreversíveis, produz a perda de mundos devido ao desaparecimento de inúmeras outras espécies, biomas, ecossistemas, histórias e conexões. As relações dos sapos com os ecossistemas têm sido o foco de muitas pesquisas, sobretudo no campo da herpetologia, devido às altas taxas de declínio de espécies e populações. A Mata Atlântica do Brasil é considerada emblemática dessa situação, por abrigar uma mega diversidade de espécies. Os anfíbios anuros, conhecidos popularmente como sapos, mas que também englobam as pererecas e as rãs, são na grande maioria endêmicos deste bioma e considerados importantes bioindicadores ambientais. Como são animais ectotérmicos, necessitam

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

de fontes externas para conseguir manter sua temperatura, o que os torna hipersensíveis aos efeitos das mudanças climáticas. Suas funções fisiológicas, imunológicas e comportamentais, como alteração nas atividades de vocalização, períodos de reprodução e taxa de crescimento, têm sido afetadas por eventos extremos.

O que está em jogo, com a extinção dos sapos, é o desaparecimento de um conjunto heterogêneo de atores mundanos, que foram e ainda são silenciados. Os anuros, assim como todas as espécies que habitam a Terra, são seres importantes para uma diversidade de interações e estão desaparecendo nestes tempos de catástrofes e, com isso, não estamos perdendo somente espécies, mas mundos que são importantes. Se partirmos da perspectiva do filósofo da arte Étienne Souriau (2022), que defende que o feito estético está presente em abundância na natureza e que os animais são artistas (cantores, ceramistas, pintores, tecelões, atores, performers...), podemos dizer que a extinção dos sapos, e dos emaranhados de relações em que se encontram, produz um prejuízo estético incomensurável, com a perda da capacidade criativa da Terra.

O deslocamento que Souriau propõe vai no cerne do problema: o antropocentrismo que atinge nossos modos de pensar e agir. Para Souriau é um estrago pensar na arte como exclusividade humana, como fruto da genialidade e nobreza do Humano. Ele se pergunta: “seria blasfemar pensar que a arte tem bases cósmicas e que encontramos na natureza grandes poderes instaurados que são congêneres da arte?” (Souriau, 2022, p.10). Pergunta à qual imediatamente responde: “seguramente não” (Souriau, 2022, p.10). Recorrendo a vários exemplos da etologia, ecologia e zoologia, Souriau exemplifica como os animais ricamente e complexamente produzem arte: formulam problemas, coletam materiais, transformam coisas, combinam, inventam, simulam, falseiam, encantam, criam novas materialidades e soluções. Deste modo, leva as ciências além dos seus limites, friccionando-as com as artes, redesenhando-as e produzindo possibilidades de pensar os encontros entre artes e ciências e as consequências das atitudes marcadas pela ideia de superioridade humana e que lidam com diferentes tipos de espécies, seja a humana ou mais que humanas, de maneira brutal e/ou hierárquica.

Diante do período atual, tem sido considerado fundamental promover encontros entre artes e ciências para debater sobre as urgências do nosso tempo e gerar novas sensibilidades, novos modos de existir (Davis & Turpin, 2015). Isso porque o colapso civilizacional que estamos vivendo

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

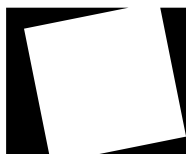
precisa ser abordado não simplesmente por meio de abordagens políticas, econômicas e racionais, mas por meio de atos estéticos, criativos e imaginativos que definem as práticas artísticas e inventam novos modos de pensar, sentir, existir. A articulação dos tempos de catástrofes com as artes é fundamental porque elas fornecem um “lugar poliárquico de experimentação” (Davis & Turpin, 2015) para “viver em um mundo danificado” como Anna Tsing (2019) tem chamado. As artes propõem uma forma não-moral de tratamento, oferecendo uma gama de aspectos discursivos, visuais e estratégias sensoriais que “não são confinadas pelos regimes de objetividade científica, moralismo político” (Davis & Turpin, 2015).

Se queremos continuar a habitar e coabitar a Terra, consideramos necessário criar práticas colaborativas que proporcionem novas possibilidades de escutar as múltiplas vozes silenciadas. As mudanças climáticas, as extinções em massa, os crimes-catástrofes, têm chamado atenção da comunidade artística, que se sente cada vez mais convocada a reimaginar futuros para além da imprudência cínica do horizonte capitalista (Davis & Turpin, 2015). É fundamental que tais experimentações artísticas afetem, por sua vez, os sistemas de produção científica e as práticas educacionais e de divulgação científicas que são, de forma massificada, também construídos por interesses capitalistas expondo perspectivas hierárquicas e lineares, dando muito espaço para a generalizações e superficialidades e gerando pouca abertura para escutar os diferentes modos de vida que se movem em conjunto.

Consideramos que os encontros entre artes e ciências podem ser germinadores de experiências que vão além da mera denúncia das destruições em curso, ou da ideia de aumento de informações sobre o tema e da ideia de convencimento dos públicos (Dias & Rodrigues, 2014, 2015). Nessa perspectiva é que nos perguntamos: o que podem os encontros entre artes e ciências diante dos tempos de catástrofes? O que podemos aprender com os sapos sobre tais encontros? Como torná-los companheiros de pesquisa e criação? O que isso nos ensina sobre os tempos de catástrofes que vivemos e sobre as possibilidades e a importância de uma comunicação e escuta multiespécie frente aos pensamentos coloniais da modernidade?

Inspiradas pelos estudos multiespécies (Haraway, 2020, 2021, 2022; Tsing, 2019), realizamos coletivamente uma série de exercícios afetivos com os sapos, que ganharam vida em “mesas de trabalho” (Dias, 2020) e em

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

uma residência artística e uma mostra artística “Seguir os sapos” (2023). Pressupomos que este tipo de imersão apaixonada na vida dos outros abra uma série de possibilidades que despertam a admiração pela ampla diversidade de interações, além de um interesse genuíno e transformador pelas histórias de tantas vozes silenciadas, que querem nos contar sobre um mundo em ruínas. Praticando, assim, uma relação com os animais que mobiliza o movimento de afetar e ser afetado, algo fundamental para gerar diferentes engajamentos diante dos tempos de catástrofes.

Tornando os sapos companhias de criação

Trabalhar, criar e experimentar juntos com os sapos foi um movimento que se deu através do contato com seus encantadores modos de existir. Foi fundamental para nossa pesquisa a parceria com os herpetólogos do Laboratório de História Natural de Anfíbios Brasileiros (LaHNAB), do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), durante o mestrado desenvolvido pela estudante Natália Aranha no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPG - DCC), do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, mais especificamente dentro do grupo de pesquisa “multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações”, coordenado por Susana Dias. Partimos da premissa de que, como argumenta Souriau (2022), é fundamental lidar com os animais para escapar dos prejuízos das perspectivas modernas que preferem os “animais-máquinas ilusórios do que animais tais como vivem” (p.7). Haraway também defende que é preciso não apenas pensar sobre os animais, mas viver com eles (2020, 2021), por isso ela propõe como método filosófico o encontro com diferentes práticas de pessoas que vivem com os animais: etólogos, criadores, artistas, povos indígenas.

Aliamos o encontro com os herpetólogos à metodologia das “mesas de trabalho” (Dias, 2020; Dias, Brito, 2023), que já vivenciamos em nosso grupo de pesquisa desde 2014. As mesas de trabalho são um método e, ao mesmo tempo, uma intervenção artística, que foram criados no âmbito da revista *ClimaCom* para experimentar encontros entre artes e ciências e escapar ao antropocentrismo que predomina na educação e comunicação massificada diante das mudanças climáticas (Dias, 2020; Dias, Brito, 2023). Várias mesas já foram realizadas com o objetivo de criar coletivamente novas visualidades, dizibilidades e sonoridades em parceria com seres mais que humanos. A aposta é de que as imagens, palavras e sons fazem parte do desafio de constituir uma possível habitabilidade e um futuro

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

vivível na Terra. Futuro que somente será possível, através do cuidado e atenção multiespécie, incluindo as espécies artísticas e de papel-tela (papers, livros, revistas, jornais, fotografias, pinturas, multimídias...) (Dias, 2020; Dias, Brito, 2023).

Essa ideia está conectada à proposição de Souriau sobre a pluralidade de modos de existir (Lapoujade, 2017). Uma curva de um rio, um raio de sol, um computador, um sapo, uma ideia, uma equação, um personagem de ficção, um espectro, um gráfico sonoro, uma canção, uma colagem digital, uma fotografia, uma pintura... sejam quais forem os modos de existir, para Souriau não há hierarquias entre eles, não há um mais real do que o outro. "Cada existência possui seu modo de ser, intrínseco, incomparável" (Lapoujade, 2017, p.27).

Recusando as políticas representacionais, Souriau propõe testemunhar a multiplicidade de modos de existir e as relações entre eles sem cair em dicotomias (sujeito-objeto, natureza-cultura, teoria-prática, organismo-meio...) e em julgamentos (verdadeiro-falso, mais-menos, legítimo-ilegítimo, autêntico-não autêntico). O resultado desses movimentos é o chamado a pensar nas artes e ciências como capazes não de representar um mundo exterior já pronto e acabado, mas como práticas de entrar em conexão com mundos vivos, ativos, criativos e de gerar instaurações cósmicas, fazer existir por outros meios e materialidades. Nesse sentido, um sapo fotográfico, escultórico ou pictórico não seria uma representação de um ser já existente, mas um modo de fazer existir os sapos a cada vez, reinventando-os diferentemente. Como diz Lapoujade, ao estudar Souriau, "Tudo se resume a isso: tornar-se real" (2017, p. 91). E esse é um dos desafios que as mesas de trabalho querem abraçar: pensar e experimentar coletivamente como tornar reais e presentes os seres mais que humanos.

Já aconteceram mesas de trabalho junto com as nuvens, os rios, as pedras, as plantas (Dias, 2020) e, desta vez, o desafio era tornar os sapos companheiros de pesquisa e criação. Inventado pela zoóloga e filósofa Donna Haraway (2021; 2022), "espécies companheiras" é um conceito fundamental para as mesas de trabalho, indo além dos sentidos biológicos e culturais já dados, dando às noções de "espécie" e "companhia" funcionamentos muito mais amplos, que dizem respeito não apenas a uma agência não hierárquica destes seres-coisas-forças-mundos, mas também a modos de viver junto que precisam se tornar pensáveis-praticáveis não hierarquicamente.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Em aliança com Haraway, a questão que nos tomava era a de como levar a sério o nosso encontro com os sapos como “alteridades significativas” (2021). Trata-se de uma aposta que exige interesse e disponibilidade em escutar os não humanos que coabitam os mundos conosco, em ganhar efetiva intimidade com eles, através do envolvimento de procedimentos, ferramentas e materiais que tornem essas escutas possíveis, reais e múltiplas. E isso tem direta conexão com o que ressalta o filósofo indígena Ailton Krenak, “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (2020, p. 13).

Para criar as mesas de trabalho com os sapos começamos a seguir seus modos de existir em papers, trabalhos de campo e de laboratório dos herpetólogos e a trazer para a mesa materiais diversos: fotografias, nomes científicos, cantos dos sapos, gráficos dos cantos... Aos poucos fomos percebendo como os sapos movimentavam o enredamento dos herpetólogos com diversos artistas. O laboratório era muito procurado por músicos, pintores, cineastas, entre outros. Os cientistas incentivavam as produções artísticas e de divulgação científica e cultural. Fomos trazendo essas obras artísticas e outras que pesquisamos para as mesas de trabalho: composições musicais de Mauro Tanaka, objetos escultóricos de Cildo Meireles, vídeo-clips de músicas de Paul McCartney, aquarelas de Breno Filo e Lilian Maus, grafismos de povos indígenas da Amazônia... Simultaneamente, intensificamos os estudos das obras filosóficas dedicadas aos animais, e trouxemos para a mesa autores já aqui citados e, também, a filósofa Vinciane Despret.

Gradualmente, o amor pelos sapos foi sendo ampliado e contagiando todos à volta. Já não falávamos mais de outra coisa. Cada descoberta, sobre cada espécie, era compartilhada com colegas, amigos, familiares e passamos a escutar inúmeras histórias com os sapos, sobretudo de infância. Recebemos muitos vídeos dos que encontravam sapos em suas casas e arredores. Fomos inundadas de postagens em redes sociais em que os sapos apareciam quase como animais domésticos, ou de pesquisas que mostravam relações entre os sapos e as mudanças climáticas ou ainda que apresentavam a beleza de suas cores e desenhos, ou que exibiam suas performances divertidas e teatrais ou apresentavam a riqueza de seus cantos. Também acessamos, nesse período, uma enormidade de materiais, em vídeo e fotografia, que mostravam atitudes cruéis com esses animais e que demonstram que nossas relações com eles estão marcadas pelo que Malcom Ferdinand chama de “habitar colonial” (2022).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

As articulações entre artes e ciências nos movimentaram a um pensar-viver junto com os sapos, e vice-versa. Aos poucos, fomos pensando em propostas para as mesas de trabalho afetadas por esses estudos e experiências. Propostas que tornavam a mesa de trabalho um meio vivo, um brejo, onde esses seres poderiam seguir vivendo por outros meios, fotográfico, pictórico, sonoro etc. Propusemos cinco atividades nas mesas: (1) experimentações em um livro-objeto coletivo que chamamos de *Entre-meios* (2023) e que envolveram observação de fotografias, criação de desenhos em aquarela e grafismos nas fotos; (2) experimentações de grafismos indígenas na pele, realizado junto com Rayane Barbosa, artista indígena Kaingang e estudante de Pedagogia da Unicamp; (3) experimentações com bioacústica, graças a parceria com a Fonoteca Neotropical Jacques Viellard (FNJV-Unicamp), que nos permitiu trazer amplo e belo repertório vocal dos anuros e propor práticas e experimentações como forma de desenvolver uma maior atenção a escuta, através da criação coletiva do livro-objeto *Caderno de estudo dos sons dos sapos* (2023); e (4) criação de uma floresta de papel que desse expressão à vida como resultado de uma união simbiótica entre os sapos e diferentes seres-coisas-forças-mundos. A mesa de trabalho era composta por esses diferentes movimentos que aconteciam de maneira simultânea. Durante os processos de criação, nosso desafio foi escapar de uma abordagem generalista com os anfíbios, que desse ainda mais ênfase a dualismos, negacionismos, catastrofismos e idealismos.

As mesas de trabalho nos permitiram desenvolver colaborações com os sapos, por meio de criações e experimentações coletivas, como forma de ensaiar relações heterogêneas e gerar novas percepções e sensibilidades com os públicos, gerando movimentos de afetar e de ser afetado. Os grupos de estudantes de ensino médio, do projeto aprovado no Programa Arte e Ciência nas Férias da Unicamp em 2023, se envolveram com as propostas da mesa de trabalho de modo animado e vibrante. Nos encontros, enquanto estávamos com as mãos ocupadas, muito se conversava: contávamos sobre nossas descobertas com herpetólogos e artistas, sobre o Antropoceno e conhecíamos um pouco sobre como cada um se relacionava com os sapos.

As criações coletivas desenvolvidas durante os diferentes movimentos buscaram se configurar como pequenos exercícios de “fabulação especulativa” (Haraway, 2021), uma noção que nos auxiliou a compreender como ocorrem os encontros e conexões nos emaranhados multiespécies por meio da interação entre artes e ciências. Assim, conseguimos instaurar

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

um devir-mesa-de-trabalho que possibilitou criar em qualquer espaço-tempo modos de tornar presentes e significativas as companhias de criação (sejam sapos, brejos, fotografias, papéis...), de maneira que exercitou, por meio dessas práticas, modos de sair das separações entre artes e ciências, organismos e meios, teorias e práticas, processos e produtos (Dias, Brito, 2023).

A riqueza do contato com o LaHNAB e dos resultados que tivemos com as mesas de trabalho nos fez pensar em ampliar as mesas de trabalho através de uma residência artística – “Seguir os sapos” – que proporcionasse a outros artistas convidados o mergulho nas práticas científicas e artísticas que estávamos vivenciando. Silvana Sarti e Rosana Torralba foram artistas de Sorocaba e de Campinas selecionadas para a residência. Realizamos a residência junto com a disciplina “Arte, ciência e tecnologia”, do PPG-DCC do Labjor-IEL-Unicamp, ampliando para a proposta de seguir os sapos para a turma matriculada. Iniciamos a residência com a mesa de trabalho, depois realizamos um trabalho de campo noturno com os herpetólogos na zona rural da cidade, visitamos o LaHNAB e a Fonoteca da Unicamp e propusemos um conjunto de leituras e conversas em torno dos estudos multiespécies, das mudanças climáticas e do Antropoceno.

Como ressalta Marina Guzzo (2017) as residências artísticas têm como formato a possibilidade oferecer um espaço para que os artistas possam criar seu trabalho – com condições propícias e se deslocando de onde eles criariam originalmente, mas também criando um deslocamento no papel de uma pesquisa dentro daquele espaço. Na avaliação de Fabíola Fonseca e Antonio Carlos Amorim (2012), são espaços-tempos de extrema relevância para pensar e experimentar as alianças entre artes e ciências. É onde podemos ver como se criam “conexões, entradas e saídas e, por entre elas, passam linhas que se entrelaçam e se arrebitam, rizomam-se” (Fonseca, Amorim, 2021, p.15), onde nos distanciamos das perspectivas e parâmetros utilitaristas e nos lançamos na criação de novas relações. Como as residências artísticas sempre envolvem experimentações relacionadas ao deslocamento, e ao espaço privilegiado, coloca em jogo “as experiências, as convivências, as trocas, a condição ‘em trânsito’, a vida em comum, a participação, as colaborações, os processos de articulação e negociação” (Moraes, 2014, p. 42). A escolha pela residência artística, como parte da metodologia que propusemos, potencializa um importante pressuposto da noção de espécies companheiras e dos estudos multiespécies: a não oposição entre organismos e meios (van Dooren, Thom, Eben Kirksey and Ursula Münster, 2016).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

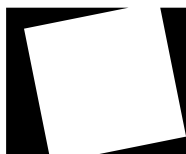
Estes movimentos, experimentações práticas e criações coletivas da residência artística e das mesas de trabalho se desdobraram em uma mostra interativa que intitulamos de “Seguir os sapos” (Aranha & Dias, 2023). Aqui vamos seguir os rastros de uma série de encontros multiespécies que acontecem nas ações e materiais, entre artes e ciências, que povoaram essa mostra, e que se fazem desde dentro do nosso tempo de catástrofes. Observar como as linhas se conformam, acompanhar processos de entrelaçamento e produção de comunicações, prestando atenção ao caráter sempre situacional e contingencial das alianças (Haraway, 2020, 2021; Anastassakis, 2020). O que implica ter que, ao mesmo tempo, que escapar das generalizações e universalizações e ser hábil em produzir análises que possam de constituir como “caixas de ressonância” (Stengers, 2015), portanto, relevantes para pensar outras experiências, ações e materiais.

Seguir os sapos

A mostra “Seguir os sapos” (2023) (Aranha & Dias, 2023), habitou o corredor do espaço plural do Labjor-Unicamp, um lugar onde se cruzam e se conectam diferentes modos de vida. Este movimento se deu como resultado e continuação de uma coletividade, como resultados dos materiais, colaborações e participações que possibilitou expor potentes transações (Haraway, 2021), conexões entre seres-coisas-forças-mundos, como forma de observar e narrar relações entre humanos e mais que humanos, entre ciências, artes, filosofias e comunicações. Tais conexões buscaram criar e desenvolver, em companhia dos sapos, novos modos e maneiras de nos conectarmos, sentirmos, percebermos, pensarmos, imaginarmos e agirmos com a Terra.

Diferentes composições fizeram parte da Mostra, como ensaios fotográficos e pictóricos, obras artísticas, livro-objetos, instalação sonora e performance. Tais composições, além de gerar experiências, abrem oportunidades para pensarmos sobre o que podemos aprender com os anfíbios sobre comunicação frente ao Antropoceno. Por diferentes meios, naturezas-culturas e interações multiespécies, buscamos ir além das meras denúncias ou julgamentos das narrativas comunicantes massificadas que, marcadas pelo antropocentrismo, não são capazes de se afetar pela vida dos sapos, não experimentam uma comunicação anfíbia, se contentando apenas em falar sobre os sapos. Uma comunicação anfíbia, é uma comunicação entre-meios, algo que está associado a comunicação multiespécies, pois os sapos, assim como todas as outras espécies não

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

humanas, não estão aqui para pensarmos sobre eles, estão aqui para vivermos com eles e nos tornarmos dignos de escrever-experimentar-pesquisar-juntos, uma habitabilidade que envolve algo muito além de apenas fatos.



FIG. 02:
O sapo foi para o brejo?
(2023), obra de Rosana
Torralba na mostra
"Seguir os sapos" (2023)

Ao adentrarmos na mostra "Seguir os sapos" (2023), o primeiro modo de existir em companhia dos sapos foi produzido pela artista Rosana Torralba que intitulou sua obra de *O sapo foi para o brejo?* (**Fig. 2**). A obra recria um brejo e é composta de um aquário com barro terracota, pedra, água e uma mesa de metal como suporte. Uma obra que exala multiplicidades, sendo considerada pela própria artista, ao mesmo tempo, uma instalação, uma escultura, uma assemblage, ou mesmo um tipo de obra que as artes ainda não nomearam. Na impossibilidade de fixar o que a obra era, a

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

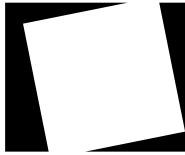
e-ISSN: 2179-8001

artista se aproxima, sem saber, dos próprios sapos e brejos que, para os herpetólogos, surpreendem em suas diferentes complexidades e resistem a definições universais. A artista questiona: “O sapo não está mais nesse brejo?” e estabelece uma relação entre uma epidemia que está dizimando os sapos e as mudanças climáticas. Mostrando que, por meio de camadas de histórias, biológicas e de naturezas-culturas, vivemos em uma época em que a habitabilidade de múltiplas espécies passou a ser ameaçada (Tsing, 2015; Haraway, 2021). “Uma destruição que afeta humanos e outras criaturas no tecido da nossa vida junto neste planeta” (Haraway, 2020).

O mundo parou em torno da pandemia do novo coronavírus. Mas os seres humanos não são os únicos que sofrem com situações desse tipo. Um fungo (*Batrachochytrium dendrobatidis*) vem dizimando populações de sapos, rãs e pererecas ao longo dos últimos 50 anos. A doença, que culmina na diminuição de sapos, acarreta também no desequilíbrio ecológico, que reflete na qualidade de vida humana. Essa diminuição gera, por exemplo, o aumento de insetos vetores de doenças como dengue, zika, chikungunya e febre amarela. Além disso, os sapos são presas de mamíferos, cobras e aves (Informações de Luís Felipe Toledo, IB Unicamp – trecho de matéria do G1 “Terra da gente”, 25/04/2020) (Torralba, 2023).

A obra de Rosana se compõe não apenas do aquário, mas do texto que o acompanha, no qual ela apresenta a citação acima de Luís Felipe Toledo, pesquisador e coordenador do LaHNAB do Instituto de Biologia da Unicamp. Grande parte do trabalho de Felipe está relacionado aos estudos desse fungo, que tem feito com que, ao longo dos últimos 50 anos, os anfíbios enfrentam uma das maiores pandemias já existentes, em um ritmo sem precedentes (Jones et al., 2008, Toledo et al., 2023). Embora os anfíbios precisem lidar com diferentes tipos de patógenos, uma das piores doenças que os acometem é a quitridiomicose, uma enfermidade associada ao fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* (Bd), que já ocasionou uma mortalidade em massa de anuros no mundo. Essa enfermidade está atrelada a diferentes tipos de fatores globais, principalmente às mudanças climáticas (Scheele et al. 2019, Moura-Campos et al., 2021, Toledo et al., 2023). A obra é um pensamento com os meios, sobre a interação entre organismos-meios. Um pensamento que interroga se é possível recriar um meio - o brejo -, sem os sapos: “Veremos um falso brejo numa vitrine?”, pergunta-se a artista. “Ao colocar essa terracota dentro de um aquário fechado, esse brejo aquoso e terroso, só com uma pedra, já não é por si só, um brejo realmente. O sapo não está mais nesse brejo? Será que o sapo virou pedra?” (Torralba, 2023). Manifesta, assim, uma preocupação com a

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

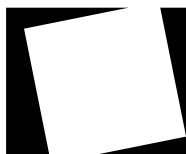
redução e extinção das habitabilidades da Terra, que estão cada vez mais e mais atreladas a processos industriais de acumulação capitalista e seus efeitos colaterais, sobretudo para o clima da Terra, que estão transformando os ecossistemas e destruindo a biodiversidade que os compõem (Steffen et al., 2011; Tsing, 2019).

Rosana conheceu Felipe, e soube da epidemia que atinge os sapos, durante a aula de campo com ele proposta pela residência artística “Seguir os sapos” que nós organizamos. A aula de campo proporcionou a um grupo de artistas, sociólogos, filósofos, comunicadores e biólogos a experiência de adentrar um brejo na cidade de Campinas, à noite, junto com os herpetólogos, ao encontro dos sapos. Mas não foram apenas os sapos que encontramos, a lama, as plantas, as aranhas, insetos, vagalumes, a lua, as estrelas, à noite, os herpetólogos com seus gravadores, sacos plásticos, mochilas, swabs, lanternas de mão e de cabeça, chamaram tanta atenção do grupo quanto os sapos. A aula de campo foi um modo de seguir os sapos em que se tornou perceptível como estes não se encontram separados dos meios em que vivem, mas em ativos emaranhamentos com múltiplos outros. E o meio, o brejo, é o foco da obra de Rosana.

Além da visita ao brejo, a residência artística também propôs visitas ao LaHNAB, ao Museu de Diversidade Biológica (MDBio) e à Fonoteca da Unicamp. No laboratório conheceram o ambiente e os meios com os quais os herpetólogos estão constantemente interagindo e trabalhando com suas espécies companheiras. Um meio composto por computadores, telas em que os herpetólogos utilizam diariamente em seus estudos, pesquisas e escritas. Salas em que, apesar de cada um ter um lugar para chamar de “seu”, são constantemente espaços de interações, trocas de conhecimentos e experiências. Cada canto das salas que compõem o laboratório é preenchido com diferentes posters, banners, fotos, ilustrações, livros e decorações de sapos. Além disso, o laboratório conta com a presença de bancadas acompanhadas de vidrarias, microscópios, lupas e pinças; uma sala com luvas, pipetas e equipamentos para o estudo genético e sobre as doenças que tanto afetam os sapos; armários que abrigam diferentes materiais utilizados durante os trabalhos de campo.

No Museu, por sua vez, pudemos conhecer as coleções denominadas “científicas”, que consistem de diferentes espécies de anuros que são catalogadas, preservadas em sua maioria em frascos de vidro e utilizadas para pesquisas, fins didáticos e exposições. Conhecemos, também, a Exposição “Biodiversidade animal: estilos de vida”, que consiste em uma

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

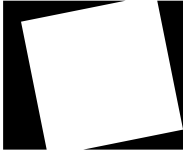
Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

diversidade de seres que ficam expostos em bancadas e preservados por meio de técnica da taxidermia, mantendo cada detalhe e especificidade particular desses seres, sendo acompanhados por fichas que contém desde os seus nomes científicos, populares e breves informações que envolve desde características desses seres até suas relações naturezas-culturas. Também conhecemos a Fonoteca que apresenta uma das maiores coleções audiovisuais, tendo como alicerces centrais, estudos e documentações da comunicação animal.

A obra de Rosana nos faz olhar de novo para essas visitas, porque a escolha dela pelo aquário propõe uma relação direta com os frascos de vidros com espécies expostos em bancadas ou guardados em prateleiras e com o formigueiro que é mantido vivo dentro de um aquário na exposição no Museu. Mas, diferente desses exemplares que querem dar a conhecer as espécies de animais, seus detalhes fisiológicos e morfológicos, Rosana quer nos fazer perceber os meios através da ausência dos sapos. Convocando-nos, com essa ausência, a pensar nas implicações ecológicas e políticas do desaparecimento dos sapos e, ao mesmo tempo, a dar atenção ao brejo, ao meio. A obra é um pensamento com os meios, sobre a interação entre organismos-meios. Um pensamento que interroga se é possível recriar um meio – o brejo –, sem os sapos: “Veremos um falso brejo numa vitrine?”, pergunta-se a artista. “Ao colocar essa terracota dentro de um aquário fechado, esse brejo aquoso e terroso, só com uma pedra, já não é por si só, um brejo realmente. O sapo não está mais nesse brejo? Será que o sapo virou pedra?” (Torralba, 2023). Manifesta, assim, uma preocupação com a redução e extinção das habitabilidades da Terra, que estão cada vez mais e mais atreladas a processos industriais de acumulação capitalista e seus efeitos colaterais, sobretudo para o clima da Terra, que estão transformando os ecossistemas e destruindo a biodiversidade que os compõem (Steffen et al., 2011; Tsing, 2019).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

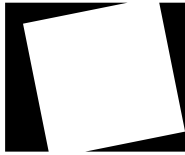


FIG. 03:
Materiais produzidos no
trabalho *Entre-meios* na
Mostra "Seguir os sapos"
(2023)

Uma outra composição que fez parte da Mostra "Seguir os sapos" (2023) foi a proposta de criação do livro-objeto *Entre-meios*, que propunha reunir pinturas de sapos em aquarela feitas coletivamente, fotografias de fotógrafos convidados e grafismos sobre fotografia. Fotos e aquarelas foram dispostas na Mostra lado a lado e abaixo das fotografias identificadas as espécies de anuros (**Fig. 3**). Esses materiais foram resultantes do movimento "entre-meios" que realizamos nas mesas de trabalho, onde os públicos puderam observar os sapos com as fotografias, dando uma maior atenção às suas cores, formas, tamanhos, poses e olhares e experimentar a passagem do meio fotográfico para o meio pictórico com aquarela. A ideia passava por perceber, como ressalta Souriau (2022), que os animais pintam-se a si mesmos.

Os sapos são seres que já carregam em seu nome, um conceito de vida dupla, de uma vida entre meios, entre a terra e a água. E isso nos levou

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

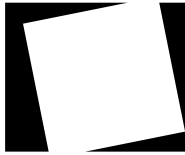
e-ISSN: 2179-8001

a pensar em abriremos uma escuta anfíbia para a fotografia e a pintura, pensando-os como meios: terra e água, respectivamente. Fotografia e pintura suscitam oposições entre natureza e cultura, fato e ficção, história e mito, real e inventado, especialmente na herpetologia. Queríamos criar novas maneiras de pensar o fotográfico e o pictórico para além da representação e das separações, convidando as pessoas a criar modos dos sapos continuassem a existir por outros meios, meios feitos de papéis, tintas, pincéis, canetas, cores... Movimentarmos, assim, a passagem entre um meio e outro e a coexistência entre-meios, como gestos necessários para produzirmos novas formas de habitar uma Terra danificada e à beira da extinção de inúmeros seres que importam.

Na mesa de trabalho, foram oferecidos materiais como tintas, papéis, água, pincéis, moldes de sapos, fotografias e livros de herpetologia, que ficaram em constante interação, sem uma ordem, padrão ou hierarquização entre eles. A maioria dos participantes não tinha experiência com pintura, mas as pinturas, expostas todas juntas na Mostra “Seguir os Sapos”, lado a lado com as fotografias, suspenderam o julgamento de saber ou não pintar e o que poderia ser considerado falta de qualidade técnica abriu uma percepção para diferentes maneiras de dar corpo e vida aos sapos. Vale destacar que, inicialmente, nossa proposta focalizou apenas os sapos. Não propusemos que as pessoas fizessem os meios em que eles vivem. Qual não foi a nossa surpresa de perceber que os participantes das mesas de trabalho atentaram não apenas para os anfíbios, mas para as folhas, as águas, as pedras, os solos, os meios em que vivem. Se dispuseram não apenas a criar o corpo desses seres, mas os corpos com os quais interagem. Poucos fizeram apenas o sapo e, mesmo estes, tendo em vista que as fotografias e pinturas foram expostas em conjunto, passaram a tornar o próprio papel de aquarela, em que foram pintados os animais, um meio também.

Além disso, outro movimento que, de início não foi proposto, mas que surgiu de maneira potente, foi uma série de grafismos e desenhos feitos nas fotos das diferentes espécies de sapos (**Fig. 4**). Essas intervenções foram sendo experimentadas de maneira coletiva ao observarmos, de maneira atenciosa, as fotos e os detalhes notamos, que os próprios sapos também trazem em sua pele pinturas de grafismos. Essa observação nasce de outra proposta que estava acontecendo simultaneamente na mesa com a indígena Kaingang Rayane Barbosa. Usando tinta de jenipapo e aquarela ela fazia na pele das pessoas grafismos de seu povo e contava sobre a relação entre sapos e jenipapeiros para os Kaingang.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

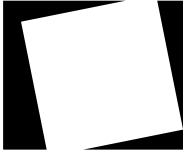
Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Para os Kaingang, os sapos são considerados protetores do jenipapeiro, assim como à pintura no jenipapo no corpo também é atribuída um papel de proteção. Compreendemos que o surgimento desses grafismos nas fotografias diz respeito a um modo de dar atenção a esses seres e nos coloca a pensar no fotográfico como uma “pele de papel” demasiado branca, como diz David Kopenawa em *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), que precisa ser povoada de outras forças. A partir dessa experiência, percebemos como um meio foi dando espaço e possibilitando a existência de outros meios. Deste modo, sentimos que contamos histórias *Entre-meios*, histórias de coabitação e coevolução que unem de formas inesperadas naturezas e culturas, algo que, como defende Donna Haraway (2021), é fundamental para criarmos uma cooperação entre povos, terra/Terra e seres mais que humanos.

Vale ressaltar que o livro-objeto *Entre-meios* está, no momento, sendo finalizado e ganhou uma nova materialidade, com capa e contracapa feitas de disco de vinil e está reunindo não apenas as fotos, grafismos e aquarelas, mas também gráficos sonoros feitos pelas pessoas que vivenciam as mesas de trabalho após ouvirem os cantos dos sapos. O livro-objeto foi afetado por outra proposta que acontecia nas mesas: o estudo dos sons dos sapos. Escutamos os cantos dos sapos gravados no computador e convidamos as pessoas a estudarem a materialidade de cada som: se era mais metálico, mais amadeirado, se mais agudo, ou grave. Após esse estudo, para os quais disponibilizamos vários materiais, as pessoas criaram uma página do *Caderno de estudos dos sons* (2023): com gráficos sonoros que davam expressão ao estudo realizado, com nomes inventados para os sapos e com colagens que misturavam sapos, pássaros, martelos, cães, pessoas, instrumentos musicais etc. Essa proposta nasce do trabalho dos herpetólogos que através da escuta dos sapos percebem as ressonâncias entre os anuros e muitos outros seres. Os modos científicos e populares de nomear os sapos referem-se, muitas vezes, ao modo como cantam junto com outros seres: perereca-cabrinha, razineira auaua, entre outros. Na Mostra “Seguir os sapos” criamos uma pequena estante que chamamos *Transfecções sonoras* (2023) e reunimos nela QR Codes com os cantos dos sapos, o *Caderno de estudo dos sons* (2023), objetos que foram usados nesses estudos e livros voltados à relação entre a filosofia e os animais.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

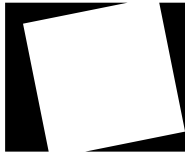
Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001



FIG. 04:
Intervenções com
grafismos indígenas e
desenhos científicos em
fotos de diferentes
espécies de anfíbios
anuros na mesa de
trabalho "entre-meios"

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Outra obra exposta na mostra foi a instalação *Simbiontes* (2023) (Fig. 01). Uma pequena floresta de papel, criada com palitos, cola e recortes de revistas e enterrados em pequenos canteiros de acrílico. A ideia era “perceber-fazer floresta” (Dias, 2020). Isso porque os sapos nos ensinam que nada vive só, que estar vivo é fazer parte de múltiplas inter-relações e emaranhamentos complexos. Nesta pequena floresta de papel, inspirados pelos sapos-herpetólogos-artistas, buscamos encontrar o que havia de floresta em revistas e experimentamos dar expressão à vida como resultado de uma união simbiótica entre diferentes seres-coisas-forças-mundos. Mapas, gráficos, fotografias, pinturas, grafismos, lambes, tabelas, fórmulas, desenhos, textos... foram criando simbioses entre sapos, aranhas, peixes, tartarugas, rios, montanhas, pássaros, povos indígenas, fotógrafos, cientistas, crianças, pintores, comunidades negras... É Anna Tsing que fala da força da simbiose como metáfora para pensar o cultivo de colaborações entre pessoas das humanidades, das ciências e das artes (2019). Ela ressalta que, assim como as simbioses biológicas, as simbioses metafóricas permitem entrelaçamentos transdisciplinares de fundamental importância. Nesse sentido, essa noção de simbiose foi se tornando muito profícua para pensar junto com a noção de “espécies companheiras” de Donna Haraway (2020, 2021).

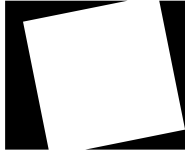
A criação da floresta foi feita nas mesas de trabalho que aconteceram durante a residência artística e a instalação estava na entrada da sala que dava para uma instalação sonora denominada de *Quatro cantos*. A instalação sonora foi construída junto com os anfíbios e buscava tornar a sala de aula do Espaço Plural do Lajor um ambiente vivo e interativo. As duas instalações juntas permitiam acessar a floresta de duas perspectivas, como quem olha de fora, mas é capaz de ver detalhes, e como quem entra dentro da floresta e precisa recorrer a outros sentidos (e ao embaralhamento dos sentidos): o tato, a audição, a intuição...

FIG. 05:
Instalação sonora *Quatro cantos* e os tipos de ambientes criados a partir de diferentes tipos de papel na mostra “Seguir os sapos” (2023)



A instalação sonora foi um modo de dar atenção à escuta com os anfíbios. A criação da instalação buscou articular artes e ciências na simulação de uma atividade de campo noturna realizada pelos herpetólogos na floresta. A experiência nos fez pensar intensamente sobre o que seria estar em uma atividade no campo por meio de uma obra artística (Coletivo multiTÃO et al., 2023). Utilizamos na instalação o canto de quatro tipos de espécies de anuros (*Leptodactylus fuscus*, *Fritziana ohausi*,

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Boana faber e *Hylodes phyllodes*), escolhidos como forma de representar os diferentes tipos de meios que os sapos podem se conectar, e isso, nos influenciou em toda a montagem, como forma de demonstrar alguns tipos de ambientes/meios que esses seres podem habitar.

A partir disso, criamos quatro ambientes com diferentes tipos de papéis (jornais, revistas, sulfite, papelão, vegetal e seda) que foram ganhando texturas variadas para gerar sensações próximas àquelas que são sentidas em um trabalho de campo (**Fig. 5**). Entre esses ambientes estavam: (1) a serapilheira, que foi feita com jornal, com inúmeros recortes em formato de folhas de plantas. “Como os jornais traziam muitas opiniões massificadas, propagandas, interesses mercadológicos e duvidosos, foi necessário apagar com marcadores de texto quase todos os textos e imagens deixando reluzir apenas algumas palavras, brechas para que a floresta se fizesse possível” (Coletivo multiTÃO, 2023); (2) riacho, para o qual utilizaram inúmeras páginas de livros didáticos de geografia, amassando-as até apresentarem formatos circulares, e isso, trouxe a sensação e um pouco da dificuldade de se andar em meio a um riacho sobre pedras; (3) para o brejo, utilizaram papelão em camadas, que deu a sentir a terra, trazendo a sensação de maciez ao andar sobre um solo, e papel vegetal rasgado em tiras com poesias que deram vida à água; (4) e, por fim, criaram um ambiente de bromélias, que apesar dos herpetólogos não andarem sobre elas em

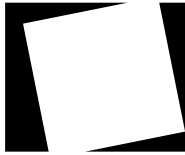
campo, propusemos uma experiência de como seria entrar nelas, como fazem os sapos. Para isso usaram papel seda com cores que podem ser encontradas nas folhas e flores de uma bromélia, isso possibilitou uma textura fria e lisa. Resolvemos convidar os visitantes a adentrar um lugar que simulava uma atividade de campo e a procurar, com uma lanterna, os sapos em seus meios. Desse modo buscamos estimular o público a interagir com esses seres, meios, sons e materiais.



FIG. 06:

Desenvolvimento da parte sonora e material da sala *Quatro cantos* com participação de Natália Aranha, a professora Susana Dias, o professor Paulo Teles, do herpetólogo João Pedro Bovolon, as artistas Silvana Sarti e Rosana Torralba e os estudantes matriculados na disciplina “Artes, ciências e tecnologia”, Labjor-IEL-Unicamp

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

FIG. 07:

Instalação *Quatro cantos* na mostra "Seguir os sapos" (2023). Clique no Qrcode para ouvir os sons durante uma interação com a parte sonora da instalação.

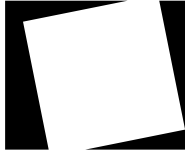
Para complementar a experiência, realizamos uma criação sonora multiespécie que promoveu uma interação entre diferentes seres, meios e forças. Construímos uma dimensão polifônica (**Fig. 6**) compondo o canto dos sapos com vários outros sons: sons produzidos pelos próprios ambientes, como de riachos, folhas, vento e chuva; sons de interações entre seres não humanos e ambiente, como de seres pulando na água; seres rastejantes se movimentando na serapilheira e de todo um brejo, que foi utilizado como um som ambiente; também trouxemos a dimensão humana na floresta através da presença sons de instrumentos musicais, como berimbau, tambores e chocalho. Esses sons, que tantas vezes são vistos e ouvidos de forma individual, foram produzidos pelas infindáveis relações entre diferentes tipos de seres que habitam as florestas, os brejos, as águas, os solos e toda uma diversidade de mundos que compõem a Terra. Para promover essa experiência foram utilizadas, ainda, uma caixa de som, que reproduziu a cantoria de um brejo, formando na instalação o que os artistas audiovisuais chamam de "cama", e quatro sensores, dispostos nos cantos das paredes da sala, no qual programamos para detectar os movimentos.



Na porta da sala, ao lado da pequena floresta de papel *Simbiontes*, havia instruções: retirar os sapatos, pegar a lanterna, adentrar a sala escura em busca dos sapos. Uma relação entre música e afetos se instaurava e a experiência convidou o público a dançar por meio da gestualidade e da movimentação (**Fig. 7**). Ao final, as expressões, que antes eram de medo e ansiedade do desconhecido, se transformaram. Toda uma experiência que gerou a sensação de trabalhar e estar junto com os sapos, mas ao mesmo tempo de estar e sentir como outros seres, meios e naturezas-culturas.

Dentro da instalação sonora a artista Silvana Sarti realizou uma performance, intitulada *Cantata ornata*, nome inspirado no sapo-cururu da espécie *Rhinella ornata*, endêmico da Mata Atlântica. Para a performance, Silvana teve suas costas, pernas e braços pintadas pela artista Rosana Torralba, que realizou uma pintura mais ornamental, com tintas feitas de terra, e pela artista indígena Rayane Barbosa, que fez grafismos indígena com jenipapo.

PORTO ARTE



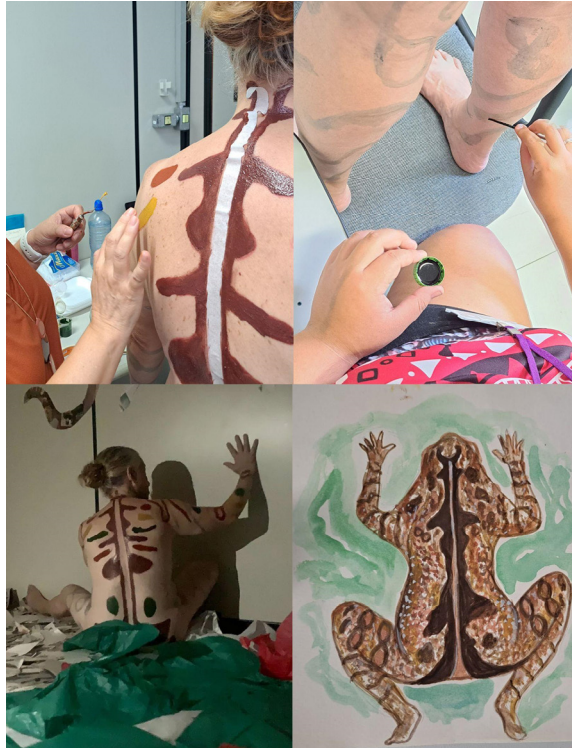
Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

FIG. 08:
Pintura corporal da
artista Silvana Sarti para
a performance "Cantata
ornata" (2023) no
primeiro dia da Instalação
sonora na Mostra "Seguir
os sapos" (2023).

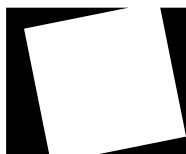


A pintura deu vida aos ornamentos presentes no dorso do cururuzinho e ao grafismo indígena, que tanto inspirou a ideia de pele/tela (**Fig. 7**). Por meio de sua performance, a proposta da artista era de permanecer imóvel a maior parte do tempo dentro da instalação, como se sua vida, assim como a dos sapos, dependesse dessa imobilidade. Reproduziu, assim, algo que aprendemos na residência artística, que os sapos quando os humanos se aproximam ficam em silêncio para que não sejam capturados.

Ao longo do processo de criação da *Cantata ornata* acompanhamos os vínculos e relações que eram despertados na artista, vendo um entrelaçamento entre artes, ciências e natureza-culturas, tudo em uma só atuação. O tornar-se sapo na performance de Silvana consistia na ativação de conexões com muitas vivências e fragilidades daqueles que habitam a terra, particularmente das mulheres. Silvana ensaiava seu devir-sapo e também adentrava os meandros de um devir-mulher-artista das ciências, nos mostrando a importância de preservar e respeitar os conhecimentos tradicionais, os povos, os meios e seres mais que humanos. "As histórias tradicionais indígenas, podem não explicar tudo, mas a comunidade científica não pode negar o teor do valor que se esconde nas folhas" (Constant, 2018, p.41). Foi um modo de criar um entrelaçamentos entre diferentes ontoepistemologias e mostrar que os conhecimentos tradicionais indígenas, as artes e as ciências não podem estar separadas hierarquicamente.

Com essa experiência de um corpo que não se move e não canta, a performance também deu voz à relação com o silêncio. Trazendo a necessidade de escuta do silenciamento dos sapos e das florestas devido ao Antropoceno. Abrindo assim uma escuta sensível que foge dos padrões da comunicação massificada que ainda reproduz o modelo linear

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

e hierárquico do emissor-receptor. Silvana nos fez pensar na escuta dos seres silenciados. Por meio da performance a artista promove uma escuta sensível dos sapos, uma escuta do corpo, uma escuta das mulheres, dos povos indígenas, das florestas, dos brejos. A escuta do silêncio praticada por Silvana ao “tornar-se sapo” nos mostra a capacidade que um corpo tem de formar e transformar para escutar-sentir, como intensificadores de modos de conhecer e criar relações com os devires sapo-brejo-planta-mulher. As potencialidades criadas a partir de uma escuta sensível e de corpo possibilita experimentar uma outra noção de percepção de mundo e de habitabilidade, a partir de formas relacionais distintas, e isso, excede e se desvincula ao processo de noção tradicional de comunicação (Lazzareti, 2021). Pensando junto com Haraway, o devir é também uma escuta de corpo que envolve processos sensíveis e gerações de saberes, gerando um interesse a “todos aqueles seres invisíveis, sem peso, sem massa, sem gravidade, todas essas existências menores, insignificantes” (Montebello, 2016 apud Zilio, 2022, p. 92).

Aprender com os sapos a viver em um mundo tóxico e reduzido

Percebemos que diferentes tipos de escuta foram sendo criadas durante as mesas de trabalho, a residência artística e a realização da Mostra “Seguir os sapos”. A Mostra não foi um mero resultado final das mesas de trabalho e residência artística, foi um espaço-tempo de continuação e combinação dessas experiências. Por entre os cantos e o silêncio, a presença e a ausência dos anuros, as fotos-pinturas-terra-água, a multiplicidade da floresta de papel, o minucioso estudo dos sons, a vivência dos trabalhos de campo, dávamos a sentir os sapos dentre as muitas silenciadas pelo Antropoceno e, ao mesmo tempo, sentíamos a vitalidade desses seres, o quanto temos a aprender com eles.

Criar maneiras de desenvolver uma maior atenção para uma escuta multiespécies pode gerar uma sensibilidade que seja capaz de mostrar o que muitas vezes é imperceptível e dar uma importância para o que é perceptível, mas que foi silenciado. Diante de uma época de catástrofes, que envolve exploração, escravidão, colonialismo e genocídios, é preciso ampliar a nossa capacidade de escuta para darmos a devida potência às vozes que precisam ser ouvidas. Vozes estas, não apenas dos sapos, que muito importam e que resistem, mas também dos seres vegetais, alados, rastejantes, aquáticos, de escamas, que pulam, se escondem. Vozes de seres centenários. Vozes dos seres das florestas, “vozes flecheiras, ribeirinhas e quilombolas” (Carvalho, 2021).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Durante as experiências com as mesas de trabalho, a residência artística e Mostra “Seguir os sapos”, vínculos afetivos foram criados com os anuros através dos materiais, meios, experimentações e criações entre artes e ciências. Diferente do que impõe o modelo linear e excludente que separa emissor-receptor, diferentes e múltiplas perspectivas foram sendo criadas, na articulação entre os conhecimentos, fabulações, memórias e afetos de cada um.

Com a proposta da mesa de trabalho, a residência artística e a Mostra “Seguir os sapos” nos engajamos simultaneamente no que Souriau define como sensibilidade receptiva e emissiva (2022). A sensibilidade receptiva é a que se comove diante de algo que está fora de nós e que se relaciona com nossos sentidos e com algo que está dentro de nós. A emissiva, diz ele, é a que se manifesta do interior para fora durante uma ação criadora, vai de dentro para o mundo exterior. A emissiva é mais profunda e ardente, pois a obra de arte que se faz é mais intensa do que a que se observa (Souriau, 2022, p.64). Já a receptiva é mais ampla e crítica, permite observar e avaliar o que se cria. Embora distintas, ressalta Souriau (2022), essas sensibilidades não estão separadas, colaboram entre si e precisam uma da outra durante o processo criativo. Souriau percebe que não apenas os humanos detêm essas sensibilidades e as colocam em movimento, todos os animais o fazem. Além disso, essas sensibilidades não dizem respeito aos indivíduos, mas têm caráter coletivo, estão ligadas aos “poderes espirituais da arte” (Souriau, 2022, p.71).

Aprendemos com os sapos a experimentar essa força do coletivo, a reunir artistas-herpetólogos-filósofos-antropólogos-educadores, aprendemos a dar atenção aos sons e às imagens e palavras, aos diversos meios, aos seres humanos em interação com os mais que humanos. Fomos chamados pelos sapos a ir além da ideia de que artes e ciências representam esses seres, questionando as lógicas que reduzem os encontros entre artes e ciências à mera produção de semelhanças e repetições do mesmo. Aprendemos que artes e ciências podem, diante dos tempos de catástrofes, multiplicar vínculos entre diversos modos de existir, entre ideias, entre gentes e sapos e plantas e rios e brejos e papéis... Os sapos nos ensinaram a criar transversalidades entre matérias, meios e seres e as imagens-palavras-sons resultantes nos mostram que o mundo não é para e nem é feito somente de humanos. Assim, como aborda Souriau (2022), sentimos como, por meio da experiência de escuta e do engajamento dos corpos, a excepcionalidade humana foi deixada de lado.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Tornar os sapos companheiros de pesquisa e criação foi muito diferente de torná-los objetos de criação artística e investigação. O que constitui uma espécie companheira é reconhecer que se está frente a frente com outros significativos, e que, conhecer, viver e trabalhar junto com esses seres, dentro e fora dos laboratórios, é herdar tudo o que proporciona essa relação, tudo o que torna real, suas condições e possibilidades, é reconhecer todas as pressões (Haraway, 2021, 2022). Ao contrário de um pensamento romântico e idealista, esse cuidado é essencial ao envolvimento responsável. É o oposto de relações unidirecionais, impostas por condutas hierarquizadas, resultados pré-estabelecidos, que inspiram dualismos e abrem espaços para “truques da certeza de quem finge ser Deus” (Haraway, 2022). Os conceitos (e/ou imagens) de espécies companheiras (Haraway, 2021, 2022), simbiogênese (Harway, 2019) e de simbiose (Tsing, 2019) nos fizeram pensar em uma comunicação anfíbia entre artes e ciências, que tem como propósito, justamente isso, um convite a enfrentar o excepcionalismo humano, e, tentar pensar, sentir, construir, agir e cultivar uma escuta multiespécie, que tem como exigência, uma atenção às diferenças e uma sensibilidade não antropomórfica (Haraway, 2022).

Artes e ciências podem, juntas, podem fazer das linguagens laboratórios-ateliês de experimentação sensíveis de novos modos de viver, sentir e pensar não massificados e bárbaros, que construam uma comunalidade viva e ativa, baseada no convívio e colaborações múltiplas entre as diferenças. Podem levar a sério, que levem a sério uma crítica ao antropocentrismo e inventar alianças afirmativas com os mais que humanos (Haraway, 2021). Podem experimentar uma não-oposição entre naturezas e culturas, assumindo que as narrativas também fazem parte dos modos de existir a serem cuidados, dos refúgios a serem reconstituídos e dos mundos habitáveis a serem cultivados (Dias & Rodrigues, 2014, 2015).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Referências

ANASTASSAKIS, Zoy. Refazendo tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

ARANHA, Natália; DIAS, Susana. Seguir os sapos. **ClimaCom - Ciência. Vida. Educação** [online], Campinas, ano 26, mai. 2023. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/seguir-sapos/>

CARVALHO, André Luis de Lima. Os caboclos já chegaram: por uma escuta multiespécies das vozes do antropoceno. **Politeia-História e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 170-191, 2021.

COLETIVO multiTÃO, ARANHA, Natália, DIAS, Susana. Quatro cantos. **ClimaCom - Políticas vegetais** [online], Campinas, ano 10, Maio. 2023. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/quatro-cantos/>

CONSTANT, Jósimo. História, memória, conhecimentos tradicionais e as desafiadoras mudanças climáticas sob o olhar da perspectiva indígena Puyanawa. 2018.

DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne. **Art in the Anthropocene** - Encounters A mong Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies. London: Open Humanities Express, 2015.

DIAS, Susana. Ecologia de devires. **ClimaCom** [online], Campinas, ano 7, n. 17. 2020. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/coletivo-multi...esta-de-afetos>

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom - Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>

DIAS, S. O.; RODRIGUES, C. C. . Movimentos especulativos em torno de bioindicadores de mídias e mudanças climáticas ou de como dar ao humano a mais intensa potência de existir. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 9, p. 1-5, 2015.

DIAS, S. O.; RODRIGUES, C. C. E se fôssemos descendentes das aranhas?. TEXTURA - ULBRA, v. 1, p. 137-155, 2014

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

DIAS, Susana; BRITO, Maria dos Remédios de. **A arte pública diante do Antropoceno: experimentações em “mesas de trabalhos”**. In: FUREGATTI, Sylvia; BASSANI, Thiago Samuel; SEQUEIRA, Alexandre. *Arte pública no Brasil: convergências e dissensos*. Campinas, SP: IA/ UNICAMP, 2022. pp. 201-210. Disponível em: <<https://geapbr.files.wordpress.com/2023/03/anais-geap-br-2022-3.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

FAUSTO, Juliana. *Os desaparecidos do antropoceno. Os mil nomes de Gaia*. 2014.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FONSECA, Fabíola; AMORIM, Antonio Carlos. Residências artísticas e currículo-experimentação: como podem nos ajudar a adiar o fim do mundo? *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v.26, n.58, p.11-31, set/dez 2021.

GREEN, David; LANNOO, Michael; LESBARRÈRES, David; MUTHS, Erin. Amphibian population declines: 30 years of progress in confronting a complex problem. **Herpetologica**, v. 76, n. 2, p. 97-100, 2020.

GUZZO, Marina Souza Lobo. Residência artística: deslocamentos e mobilidades para um laboratório. *Liinc em Revista*, v. 13, ed. 1, 2017.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2021.

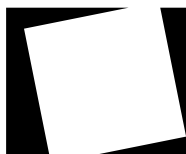
HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KANNGIESER, Anja. Geopolitics and the Anthropocene: Five propositions for sound. **GeoHumanities**, v. 1, n. 1, p. 80-85, 2015.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1a. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2019.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Trad. Hortênsia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MONTEBELLO, Pierre. **Métaphysiques cosmomorphes: La fin du monde humain**. Les Presses du réel, 2016.

MORAES, M. Residência Artística: especificidades da pesquisa/produção. In: VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. Mapeamento de residências artísticas no Brasil. Ministério da Cultura, FUNARTE, 2014. Disponível em: https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf

NANCY, Jean-Luc. **After Fukushima**: The Equivalence of Catastrophes, trans. Charlotte Mandell (New York: Fordham University Press, 2015), 8.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOURIAU, Étienne. **El sentido artístico de los animales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2022.

STEFFEN, Will; PERSSON, Åsa; DEUTSCH, Lisa; ZALASIEWICZ, Jan; WILLIAMS, Mark; RICHARDSON, Katherine; CRUMLEY, Carole; CRUTZEN, Paul; FOLKE, Carl; GORDON, Line; MOLINA, Mario; RAMANATHAN, Veerabhadran; ROCKSTRÖM, Johan; SCHEFFER, Marten; SCHELLNHUBER, Hans Joachim; SVEDIN, Uno. The Anthropocene: From global change to planetary stewardship. **Ambio**, v. 40, p. 739-761, 2011.

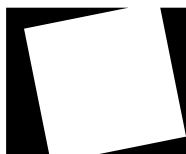
STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes** - resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TORRALBA, Rosana. O sapo foi para o brejo?. **ClimaCom** – Ciência.Vida. Educação [online], Campinas, ano 10, n. 24. maio 2023. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sapo-brejo/>

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas. 2019.

VAN DOOREN, Thom; Eben Kirksey and Ursula Münster. "Multispecies Studies: Cultivating Arts of Attentiveness." *Environmental Humanities* 8, no. 1 (2016): 1-23. doi:10.1215/22011919-3527695.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

WAKE, David; VREDENBURG, Vance. Are we in the midst of the sixth mass extinction? A view from the world of amphibians. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 105, n. supplement_1, p. 11466-11473, 2008.

ZILIO, Marion. **El libro de las larvas: Cómo nos convertimos en nuestras propias presas**. Buenos Aires: Cactus, 2022.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

NATÁLIA ARANHA DE AZEVEDO

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Ecologia, Instituto de Biologia, Laboratório de História Natural de Anfíbios Brasileiros (LaHNAB), mestre em divulgação científica e cultural Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: natalia.aranha@gmail.com

SUSANA OLIVEIRA DIAS

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisadora (PqA) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Labjor-IEL-Unicamp. Editora-chefe da Revista ClimaCom. Coordena a Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC) e é líder do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações.

E-mail: susana@unicamp.br

Agradecimentos das autoras

Este artigo foi resultado dos projetos: "Comunicação e estudos multiespécies diante do Antropoceno: o caso do sapo cururu" (Fapesp 2023/03090-2) e "Perceber-fazer floresta - Alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno" (2022/05981-9).

Artigo submetido em 12 de agosto de 2024

Aprovado em 30 de agosto de 2024

Como citar: Aranha de Azevedo, N., & Oliveira Dias, S. (2024). Seguir os sapos: artes, ciências e catástrofes. PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais, 28(50).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001141890>